



**PERMANÊNCIA DO REALISMO: PAULO HONÓRIO ONTEM E HOJE -  
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE S. BERNARDO E A REVERBERAÇÃO DA  
PERSONALIDADE DE PAULO HONÓRIO NOS DIAS DE HOJE**

**PERMANENCE OF REALISM: PAULO HONÓRIO YESTERDAY AND  
TODAY - SOME REFLECTIONS ON S. BERNARDO AND THE  
REVERBERATION OF THE PERSONALITY THE PAULO HONÓRIO  
NOWADAYS**

João Paulo Ferreira dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho pretende tecer algumas reflexões acerca das reverberações das ações e dos comportamentos do narrador-personagem de *S. Bernardo* (1934), Paulo Honório, nos dias de hoje. Com isso, almejamos demonstrar a permanência do realismo. Dessa forma, nos basearemos em formulações do filósofo húngaro György Lukács, sobre o realismo; e também em estudos críticos do trabalho do escritor alagoano Graciliano Ramos.

**Palavras-chave:** S. Bernardo; Paulo Honório; Permanência do realismo.

**ABSTRACT:** The present work intent to make some reflections on the reverberations of the actions and the behaviors of the narrator-character of *S. Bernardo* (1934), Paulo Honório, in the present day. With this, we aim to demonstrate the permanence of realism. This way, we will rely on formulations of the Hungarian philosopher György Lukács about realism, and also on critical studies of the work of the Alagoan writer Graciliano Ramos

**Keywords:** *S. Bernardo*; *Paulo Honório*; Permanence of realism.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em tempos em que parece imperar, na cotidianidade, o que há de mais banal, somado ao fato de que grupos economicamente articulados, que dominam a política, ditam os rumos da nação, se torna fulcral pensar sobre tais acontecimentos. Não de forma jocosa ou pedante, de modo a impor uma visão pessoal, quase sempre extremada e subjetivista, limitada a descrição dos fenômenos. Mas uma reflexão profunda e séria,

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras-Literatura pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB) e doutorando em Literatura, também, pela UnB. Pesquisa Jorge Amado e os romances históricos do ciclo do cacau. E-mail: [joaopaulofds@yahoo.com.br](mailto:joaopaulofds@yahoo.com.br)



capaz de evidenciar, problematizar e, se possível, direcionar/intervir nos rumos dos problemas sociais, políticos, econômicos, culturais, enfim, humanos de nosso tempo.

Colocado nestes termos, temos que reconhecer que os problemas que estamos experienciando nos dias de hoje não são manifestações isoladas temporalmente, como tentam demonstrar os teóricos pós-modernos. Antes, as dificuldades são de caráter histórico, no sentido de que as limitações, ou hostilizações, se encontram na sociedade de classes, cuja base material se assenta na posse da propriedade privada, bem como na apropriação dos meios de produção e também na divisão social do trabalho, levadas à cabo pela sociedade capitalista.

Assim sendo, enquanto a propriedade e os meios de produção forem privados e houver especializações do trabalho, nos depararemos com situações como a que estamos vivendo. Inclusive, já adentrando em nossa discussão, vemos como essas manifestações permanecem atuais quando nos encaminhamos para a literatura, quer seja as narrativas clássicas universais – do período de transição e posterior a 1848 –, quer seja a literatura brasileira, em especial os romances de 1930. Valendo dizer que, *à priori*, não estamos pautando tão-somente o princípio compositivo das obras, mas a colocação e permanência do problema pelo veio do realismo artístico.

Porém, por outro lado, a “colocação e permanência” só se sustentam, do ponto de vista estético, por causa de *como* os escritores perceberam e figuraram o problema. Isto é, como os artistas captaram – ou tentaram captar – a imediatez das relações dos homens em sociedade, de modo a dar a ver os problemas e dilemas que afligem os humanos e o seu mundo. Por isso, se num primeiro momento, a poesia homérica foi expressiva em evidenciar as manifestações poéticas do seu tempo, o realismo (crítico) desponta, no seio da moderna sociedade, como possibilidade de autoconscientização e reconhecimento humano, já que tende a buscar pela figuração da ação/relação dos homens (com a natureza, com o outro e consigo próprio) a essência da vida e do mundo humanizado.

Assim, para citar alguns, alcançaram tal realização os franceses Honoré de Balzac e Gustav Flaubert, bem como o conde russo Leon Tólstoi. Já no Brasil, dentre os diversos autores, certamente podemos indicar o fluminense Machado de Assis, da segunda metade do século XIX, e o alagoano Graciliano Ramos. Este produziu, na década de 1930, vários romances, entre eles *São Bernardo*, publicado em 1934.

O mencionado romance graciliânico, marcado pela narração em primeira pessoa, conta a história de Paulo Honório: persona que conseguiu ascender de capataz à dono da



fazenda São Bernardo. No entanto, mais importante do que a ascensão de Paulo Honório é a narração das circunstâncias (objetivas) e características (objetivas-subjetivas) que conduziram a personagem ao auge e à decadência socioeconômica e humana.

Nesses moldes, o dono de São Bernardo se revela como metáfora de um tempo, ou de uma personificação, de um período nacional bastante problemático, qual seja o processo de modernização, que pressupunha, entre outras coisas, a posse da propriedade e o desenvolvimento técnico da propriedade e dos meios de produção, o que influi, conseqüentemente, na vida espiritual (psicológica) e material do indivíduo e da coletividade.

Se encararmos os acontecimentos atuais deste ângulo, veremos o quanto dos resquícios da personalidade de Paulo Honório ainda se conservam na mentalidade e comportamento sobretudo da classe média (para usarmos da sociologia) brasileira e de uns tantos trabalhadores que, nos últimos anos, conseguiram acesso e posse a certos bens, antes privilégios de uns poucos.

Sem dúvidas, esse é um tema bastante complexo, e tomá-lo do modo que estamos fazendo é muito difícil. Entre outras razões, pelo fato de que, primeiro, o início do século XX e o princípio deste XXI são distintos, no sentido de apresentarem manifestações particulares, próprias do nível de acirramento das forças sociais e econômicas de cada um e, segundo, porque a nossa leitura é literária. Quer dizer, ela parte de uma obra literária que, em última instância, é uma criação artística que transfigura a realidade sócio-histórica, de modo a dar a ver a vida, o destino e as paixões humanas, sem, contudo, se confundir com a realidade imediata nem tampouco com a ciência.

Então, para conseguirmos lograr algum êxito, tomaremos a personalidade de Paulo Honório como concretização daquilo que o filósofo húngaro, György Lukács, chamou em seu monumental *O romance histórico* (2011) de “o passado como pré-história do presente”. Isto é, a partir das condições e contradições experienciadas pela figura do narrador-personagem de *São Bernardo* (2008<sup>2</sup>), tentaremos pontuar alguns dilemas do passado brasileiro que insistem em se manterem pulsantes. De sorte que nos limitaremos a problematizar uma tendência ao irracionalismo contido da transfiguração de Paulo Honório, que encontra eco nos *verdeamarelistas* de hoje. Daí suspeitarmos de que esta

---

<sup>2</sup> Estamos usando, neste trabalho, a 87ª edição, da editora Record, publicado em 2008.



disposição tenha suas raízes no caráter apologético, nutrido pela sociedade burguesa e levado à cabo na fase imperialista do capitalismo.

### **Mediações entre literatura e realidade sócio histórica**

O narrador-personagem de *S. Bernardo* abre o romance declarando o seu intento de “construí-lo pela divisão do trabalho” (RAMOS, 2008, p. 7), de modo que ao procurar os amigos, alguns deles “consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais” (RAMOS, 2008, p. 8). Tal declaração – sobre a divisão do trabalho –, aparece a nós, à primeira vista, como algo simples, porém se evidencia tanto mais complexa à medida que a narrativa se desenvolve, revelando-se como um problema fundamental da estrutura social moderna, que atravessa desde as relações concretas dos homens em sociedade, até as formas reflexivas das vivências sociais, isto é, as ciências e as manifestações estéticas, sobretudo a literatura. O problema da divisão social do trabalho, alçado às especializações, é que tende, entre outras coisas, a privar o homem da totalidade de suas relações sociais e potencialidades criativas, enfim, de sua integridade humana.

Ao versar sobre a hostilidade do capitalismo à arte, Lukács, em seu ensaio “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, reconhece que, “sem dúvidas, o sistema de produção capitalista representa o grau econômico mais elevado no quadro do processo evolutivo das sociedades divididas em classe” (LUKÁCS, 1968, p. 22) E redargui logo em seguida: “mas também não há dúvida de que, para Marx, tal sistema de produção é essencialmente desfavorável ao desenvolvimento da literatura e da arte” (LUKÁCS, 1968, p. 22). O filósofo húngaro argumenta que “a hostilidade da ordem de produção capitalista à arte se manifesta igualmente na divisão capitalista do trabalho” (LUKÁCS, 1968, p. 24). Para o estudioso, a hostilidade encontra-se no “fracionamento da totalidade concreta em especializações abstratas” (LUKÁCS, 1968, p. 25).

Ao seu modo, o narrador de *S. Bernardo* identifica e reconhece, também, essa face hostil de produção. No capítulo I, do romance, o narrador-personagem animado com seu projeto nos diz que:

[...] em conferência com os principais colaboradores, e já vias os volumes expostos, um milheiro vendido graças aos elogios que, agora com a morte do Costa Brito, eu meteria na esfomeada *Gazeta*, mediante



uma lambujem. Mas o otimismo levou água na fervura, compreendi que não nos entendíamos.

João Nogueira queria o romance em língua de Camões [...].

Padre Silvestre recebeu-me friamente. Depois da revolução de Outubro, tornou-se uma fera, exige devassas rigorosas e castigos para os que não usaram lenços vermelhos [...].

[...] concentrei as minhas esperanças em Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, periodista de boa índole e que escreve o que lhe mandam (RAMOS, 2008, p. 7-8).

Em termos gerais, o primeiro capítulo do romance, ao mesmo tempo que se evidencia como uma confissão (frustrada) dos projetos literários do narrador, também apresentam-se na qualidade de problematização da relação entre o produtor, processo de produção e a obra, propriamente dita. *A priori*, duas questões nos saltam às vistas: uma, a questão mercantil ou comercial da obra literária e, a outra, o problema da composição narrativa, sobretudo no que tange a linguagem e a importância dada às acepções político-ideológicas do escritor contidas em sua escrita.

O primeiro problema é bastante sintomático de uma tendência da sociedade moderna em transformar tudo em mercadoria. E, no caso, uma mercadoria de troca. Situação já observada por Marx e também problematizada por escritores do século XIX, como por exemplo Balzac. No entanto, para além desses limites, Paulo Honório, na condição de personagem que se propõe ser escritor de sua história, narrando as situações e os processos que o transformaram no que ele é – uma pessoa rude e cruel –, ultrapassa a barreira do imediatismo, bem como da escrita como mera mercadoria, e eleva-os ao se elevar. O fazendeiro-escritor demonstra em sua confissão uma sinceridade e uma integridade humanas que perpassam as relações fetichistas da sociedade capitalista.

Sem dúvidas, esse debate sobre o valor de troca e o valor estético da obra de arte é bastante longo e complexo, e não pretendemos fazê-lo aqui. Assim, pretendemos apenas problematizar a declaração inicial do narrador-personagem, que para nós se evidencia como fundamental para pensar a produção literária e as relações sociais de meados do século XX e princípio deste hodierno.

Quanto ao segundo ponto, quando o narrador diz “João Nogueira queria o romance em língua de Camões [...]” (RAMOS, 2008, p. 8). E, na página seguinte, enfatiza o problema num diálogo com Azevedo Gondim. Este fala: “[...] um artista não pode escrever como fala. – Não pode? Perguntei com assombro. E por quê?”. Ao que Gondim respondeu: “Foi assim que sempre se fez. *A literatura é a literatura*, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é



outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia” (RAMOS, 2008, p. 9, grifo nosso).

Como se vê, a importância ou definição atribuída à literatura, nas primeiras páginas de *S. Bernardo*, diz muito do movimento histórico protagonizado pela geração de 1930: sua percepção da realidade em transição para algo mais evoluído, porém mais complexo, bem como, na contramão dessa evolução, a estiolação dos sentidos e sentimentos humanos. Mas também, o significado atribuído às letras é, ao mesmo tempo, indagação do modo compositivo, finalidade estética da obra e ainda o papel do escritor.

As declarações lançadas pelo narrador são provocações diretas aos escritores modernistas, sobretudo aos pares do autor. Para citarmos, em 1933 Jorge Amado publica *Cacau*. Ainda que a mencionada obra trata da mesma temática (e ou problema) que *S. Bernardo*, isto é, a posse territorial – fazendas – e de como a apropriação influi na personalidade do proprietário, da família e demais personas ligadas ao domínio, ao fazendeiro e à produção (inclusive sob o mesmo foco narrativo – primeira pessoa), as configurações estéticas entre uma e outra obra se revelam bastante diferentes.

Se observamos a linguagem do romance amadiano veremos que, quando se trata de figurar o modo de fala das personagens populares, o linguajar usado é o coloquial, um tanto despreocupado das formalidades gramaticais<sup>3</sup>. Enquanto que em *S. Bernardo* a linguagem é mais trabalhada – se se pode dizer assim. Uma vez que o entendimento do autor acerca das letras como transfiguração do real vai no rumo de que não é necessário “reduzir” o linguajar para se tornar lido e compreendido pelo povo.

Recobrando a questão do escritor no modernismo, o professor Hermenegildo Bastos, em valioso artigo sobre a condição de “personagem-narrador” de Paulo Honório<sup>4</sup>, expõe que a luta pelo distanciamento, conservando o tom crítico, não é apenas do narrador, mas também do autor. Diz o professor que esta dificuldade

É só é daquele na medida em que este, colocando em cena mais um personagem escritor – elemento central da sua obra –, vale-se desse recurso para problematizar a literatura num momento em que o Modernismo brasileiro sofre [...], uma mudança de ênfase, ou de

---

<sup>3</sup> O narrador amadiano, em sua ânsia de “honestidade” em contar a vida dos trabalhadores das roças de cacau, confessa que o seu livro “não é um livro bonito, de fraseado, sem repetição de palavras” (AMADO, 1961, p. 265), justamente porque ele nasce “de algumas cartas de trabalhadores e rameiras” (AMADO, 1961, p. 266). E explica-se dizendo: “De mais não tive preocupação literária ao compor essas páginas. Procurei contar a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau” (AMADO, 1961, p. 265).



ângulo, passando a se preocupar mais diretamente com os problemas sociais (BASTOS, 2015, p. 20).

Dessa maneira, não é fortuita as declarações iniciais de Paulo Honório. Pois desde o começo o problema é colocado não de um ponto de vista subjetivo, apenas formal, mas parte de relações fortemente determinadas (e determinantes) de um conteúdo sócio histórico concreto. Pois o momento de vivências pessoais e a experiência da escrita pelo “personagem-narrador” de *São Bernardo*, como denomina o professor Hermenegildo, estão fortemente influenciadas pelas manifestações econômicas, sociais, políticas e culturais sentidas e vividas naquelas três primeiras décadas do século XX, no Brasil e no mundo.

De fato, Paulo Honório é um personagem que narra sua história. E não a narra de qualquer modo, como o faz, por exemplo, José Cordeiro – o narrador-personagem amadiano de 1933. Antes, por seu status presente de *coronel*, Paulo Honório busca na sua bagagem de vida e encontra em sua posição socioeconômica uma certa autoridade que confere ao relato um tom de veracidade. Porém, essa “veracidade” não pode ser confundida com a verdade imediata dos fatos, mas uma “veracidade” mediada pela narração dos processos que formam e transformam o sujeito e o ambiente *in foco*. Tal abordagem tem a ver com o realismo, isto é, o modo realista de captar o mundo e ou as condições/contradições dos homens e do seu mundo.

Para Lukács o realismo consiste “na essência artisticamente representada” (LUKÁCS, 1968, p. 34), uma vez que o filósofo, partindo da ideia engelsiana, entende que o realismo é a figuração de um personagem típico, vivendo uma situação típica. Quer dizer, o realismo como a elevação típica do homem e seu mundo a um Particular, de sorte que este particular seja a expressão mediata das tendências universais e singulares, manifestas na realidade concreta.

A este respeito, tomando ainda como referência o artigo de Hermenegildo Bastos, lá o estudioso assenta as bases da figuração literária que ele percebe em *S. Bernardo*. Para ele, “as ‘dificuldades’ da escrita literária – não apenas da escrita da história de Paulo Honório – estão em que a poesia deve ir além da narrativa episódica, precisa atingir o universal, sem apagar o singular, revelar a essência sem renegar a aparência” (BASTOS, 2015, p. 22).

Certamente, a complicação em estabelecer esta relação dialética entre poesia e história, bem como entre o factual e o ficcional é uma dificuldade que atravessa ainda os



nossos dias. Pois que, em larga medida, a história de Paulo Honório é a história da consolidação do capitalismo no Brasil, assentada na modernização da propriedade, dos meios de produção e também no desenvolvimento do comércio e das indústrias, sem considerar, todavia, os impasses materiais e psicológicos que tal incremento pudesse provocar. De sorte que, os impasses tanto da formação, quanto da consolidação do desenvolvimento alcança, ou melhor, se fazem presentes e, diga-se de passagem, muito mais intensos.

Desse modo, muito dos problemas representados em *S. Bernardo* ainda são experienciados por nós nos dias de hoje, justamente porque, primeiro, são problemas históricos que só podem ser resolvidos com a superação da sociedade capitalista e, segundo, a atualidade deles só nos é compreensiva (do ponto de vista estético) por conta da justeza figurativa escolhida pelo escritor. Sobre isso, György Lukács nos ajuda quando trata da “eficácia estética” no seu texto *Introdução a uma estética marxista* (1978). Conforme Lukács, “no mundo representado pela arte os homens revivem e reconhecem, com emoção, a si mesmos, aos seus destinos típicos, à sua direção, e que, por isto, o pressuposto indispensável desta eficácia, na representação do típico, é a justeza do conteúdo” (LUKÁCS, 1978, p. 235).

Se se perde o princípio da “justeza do conteúdo” na figuração, sobretudo na representação literária, o mundo e os homens (com seus destinos e paixões) tendem ao status mediano (numa acepção sociológica), limitados a imediatez dos fatos e da vida, restringindo-se ao campo das ideias, nem sempre correspondentes aos acontecimentos. Ainda para o estudioso húngaro, no ensaio “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, ele diz: “a verdadeira arte visa o maior aprofundamento e a máxima compreensão. Visa captar a vida na sua totalidade onicompreensiva” (LUKÁCS, 1968, p. 32). Continua Lukács:

A verdadeira arte, aprofunda-se sempre na busca daqueles momentos mais essenciais que se acham ocultos sob a capa dos fenômenos; mas não representa esses momentos essenciais de maneira abstrata, fazendo abstração dos fenômenos e contrapondo-se àqueles, e sim apreende exatamente aquele processo dialético vital pelo qual a essência se transforma em fenômeno, se revela no fenômeno, fixando, também, aquele aspecto do mesmo processo segundo o qual o fenômeno manifesta, na sua mobilidade, sua própria essência (LUKÁCS, 1968, p. 32).





Pensar *S. Bernardo* (2008), bem como falar sobre Paulo Honório, na acepção deste refletindo sobre si e ao mundo que o circunda, não é uma tarefa fácil. Sobretudo quando obra e personagem são repletos de uma sinceridade que o leitor, para além de compadecer-se da miserabilidade do desfecho do fazendeiro, põe-se a questionar vivamente a si e ao se cosmo. Quando Paulo Honório declara, no capítulo VIII, que “nunca soube quais foram meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízos; fiz coisas ruins que deram lucro” (RAMOS, 2008, p. 48); e mais ainda, quando ele diz, no capítulo XXXVI, “creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins” (RAMOS, 2008, p. 221), enxergamos, com clareza, o quanto a sociedade capitalista nos é hostil, já que as relações sociais e humanas são mediadas pelo princípio da troca (fetichizada). Mas também o personagem-narrador revela que “nem sempre” foi o que ele é: egoísta e bruto. Ele se tornou. E ao ter a sensibilidade de reconhecer e confessar o seu egoísmo e brutalidade, mais uma vez ele se torna, melhor dizendo, ele se transforma. De modo que esta transformação caminha rumo a humanização desse sujeito.

Conforme Luís Bueno, em seu estudo *Uma história do romance brasileiro de 30* (2001), essa transformação experienciada por Paulo Honório só foi possível pela relação dele com “o outro”. Relação que tinha como fundamento a utilidade, se não servia, ou se anulava ou se eliminava. Diz Bueno:

O que importa é que ele sirva ao nosso propósito. Se não serve, se vira alguma coisa complicada demais, é preciso anulá-lo ou, no limite, eliminá-lo. Na história da conquista e da construção da fazenda *S. Bernardo* essas três possibilidades aparecem claramente. Casimiro Lopes simplesmente serve, Luís Padilha é anulado e o Mendonça é eliminado (BUENO, 2001, p. 797).

No entanto, Paulo Honório, depois de um tempo convivendo com Madalena, não vê nela uma utilidade imediata (como fora a princípio, cujo interesse do fazendeiro era uma mãe para o seu herdeiro), não consegue anulá-la e também não a elimina diretamente. Madalena se suicida em virtude do caráter egoísta e bruto de Paulo. Neste ponto, a figura do “outro”, vivido por Madalena, funciona como um contraponto para a transformação do personagem-narrador, pois sem as ações de Madalena que escaparam a Paulo Honório, este não teria reagido e encontrado características (ou sentimentos) humanas em si.



Assim sendo, as mudanças sofridas e narradas pelo dono de São Bernardo se mostram próximas do leitor na medida em que este confronta as suas experiências pessoais, do dia a dia, com aquelas de outrora. Experiências que a cada dia se revelam mais rasteiras e degradantes, repletas de egoísmo e brutalidade (tanto do ponto de vista estético, quanto nas relações sociais). A partir dessa perspectiva que tentaremos arrolar um pouco mais esses “ecos” da personalidade de Paulo Honório em caracteres dos nossos dias.

### **De coronéis à empreendedores: Paulo Honório ontem e hoje**

O enredo de *São Bernardo* é significativo de vários ângulos. Isto é, de qualquer ponto em que o leitor se colocar para observá-lo, terá sempre uma visão total e profunda do caráter – do “ser-precisamente-assim” – do homem e seu mundo a partir das situações e das contradições do personagem-narrador Paulo Honório. Paulo Honório é um desses homens que se tornaram fazendeiros ao seu próprio esforço e astúcia. Se fez proprietário de terras, das terras de São Bernardo. Quer dizer, fez-se coronel. Neste caso, menos por possuir uma patente da Guarda Nacional do que pelo poder (a autoridade) que exerce sobre a vida e o destino dos outros.

No capítulo IV, do romance, Paulo Honório localiza-se espacialmente e narra como passou de um trabalhador à proprietário de São Bernardo. Diz o narrador: “Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planeei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, ao eito, com salário de cinco tostões” (RAMOS, 2008, p. 21). Mais à frente, o personagem-narrador, após revelar as transações que o tornaria dono da fazenda, nos conta a negociação última até ter em mãos a escritura de S. Bernardo.

A última letra se venceu num dia de inverno. Chovia que era um deus-nos-acuda. De manhã cedinho mandei Casimiro Lopes selar o cavalo, vesti o capote e parti. Duas léguas em quatro horas. [...]

Dirigi-me à casa grande, que parecia mais velha e mais arruinada debaixo do aguaceiro. (...) Apeei-me e entrei, batendo os pés com força, as esporas tinindo. Luís Padilha dormia na sala principal, numa rede encardida, insensível à chuva que açoitava as janelas e às goteiras que alagavam o chão. Balancei o punho da rede. O ex-diretor do *Correio de Viçosa* ergueu-se, atordoado:

– Por aqui? Como vai?

– Bem, agradecido.



Sentei-me num banco e apresentei-lhe as letras. Padilha, com um estremecimento de repugnância, mudou a vista (RAMOS, 2008, p. 26).

Se principiarmos pela origem de Paulo Honório – humilde e que foi criado pela velha Margarida vendendo doces -, diríamos que ele foi um desses homens com um talento para os negócios. De fato, a história do fazendeiro é uma narrativa de superação e de ascensão socioeconômica. Porém, não de modo fortuito. Para além do trabalho “ao eito, com salário de cinco tostões”, Paulo Honório ascendeu à propriedade por emprestar os recursos que ele conseguira juntar. Desse modo, antes de ser fazendeiro, o nosso personagem-narrador fora um financista. Dominando bem conhecimentos financeiros e tendo a astúcia de um agiota, aproveitou-se das fraquezas e ou limitações de Luís Padilha para obter a fazenda por uma ninharia.

Uma das coisas que nos parece importante nesse episódio, da suposta ascensão do trabalhador à coronel, é que ele nos diz muito de um grupo social que sustentado no princípio de que se trabalhando bastante, se chega ao “topo”. O que não é bem verdade. Este foi um discurso empreendido no início do século XX – e que ecoa gravemente nos dias de hoje.

Pensar a figura de Paulo Honório, é inquirir sobre a (trans)formação do pequeno-proprietário no Brasil, de princípios do século passado. Visto que, pensando junto com Caio Prado Jr. (*Formação do Brasil contemporâneo*, 2004), os fazendeiros que alcançaram tal posição são aqueles que descenderam socialmente dos comerciantes portugueses que chegaram ao país, por volta século XVII, mas que foram impedidos pelos “grandes proprietários” de exercerem suas atividades. Considerando que esta casta social angariou evidente força no correr do séc. XIX, não é casual que vire o jogo em relação aos grandes proprietários, de sorte a não só se tornar dono de grandes faixas de terras, mas também introjetar novidades técnicas na propriedade e no modo de produção.

De outro ângulo, a mentalidade desses fazendeiros se assenta em dois pilares: na intensificação da produção, de modo que vê na ciência e na mecanização um caminho para alcançar seu fim e, o outro pilar, resvala-se, sobretudo, nas articulações político-sociais interessadas. Eis as bases das relações nutridas por Paulo Honório: com Casimiro Lopes, porque manda e é obedecido; com Gondim, porque lhe é conveniente; com Luís Padilha, por ser quem lhe dará acesso a propriedade S. Bernardo e por lhe ser subalterno; com Madalena, por aparecer-lhe como a mais adequada para mãe do seu herdeiro; enfim,



todas as relações travadas por Paulo são interessadas na manutenção e desenvolvimento da fazenda.

O professor Hermenegildo Bastos, no texto mencionado mais acima, ao tratar das relações de Paulo Honório com os outros personagens que, conforme o professor, é o que faz o nosso personagem-narrador ser Paulo Honório, acentua que

[...] Paulo Honório e Mendonça formam um par. São dois coronéis separados por uma cerca. São rivais, mas estão unidos na defesa da propriedade, não esta ou aquela propriedade, mas a propriedade como tal. Dela eles são simples instrumentos. Eliminando Mendonça, porém, Paulo Honório pode vir a ser quem é. Paulo Honório quer renovar as formas do capitalismo, enquanto Mendonça representa o capitalismo que deve desaparecer para dar lugar às formas novas de acumulação e dependência. O instrumento toma consciência de si como instrumento (BASTOS, 2015, p. 24).

Como se vê, a personalidade, o “ser-precisamente-assim” de Paulo Honório está submetido às relações que ele tem com a propriedade e com os outros. Ele mesmo se confunde, até certo ponto, com ambos. A ética que rege a configuração estética do personagem pensando a si mesmo, bem como a figuração do seu comportamento frente aos limites materiais e psicológicos impostos a ele pelas contradições históricas do seu tempo, é a ética do amesquinamento que, em último grau, potencializa-se ao deparar-se com o casual. E, diga-se de passagem, que a casualidade em questão diz respeito a existência de alguém, ou de um sentimento, que o personagem-narrador não consegue anular, nem eliminar.

Antes, este elemento casual evidencia-se como “consciência de si” – ou poder-se-ia dizer “autoconsciência de si”, como sugere o professor Hermenegildo (2015) –, para Paulo Honório, e apresenta-se como “autoconsciência” para o leitor (fazendo uso aqui de termos lukacsianos), que no contato com a obra se vê provocado a pensar e reagir frente o egoísmo e a brutalidade que o circundam, no livro e no mundo.

Permeados por essas configurações éticas e estéticas da personalidade de Paulo Honório, então indagamos: como são possíveis o espírito e as atitudes de um tal personagem se fazerem tão atuais? Como lidar com a suposta necessidade recorrente de anulação ou eliminação do outro? O que fazer quando, em pleno século XXI, a classe trabalhadora ainda não consegue colocar em seu horizonte a superação do capitalismo, antes, querem se tornar capitalistas? Certamente, estas são questões bastante complexas e, *a priori*, sem respostas exatas.



A leitura de *S. Bernardo* (2008), pelo que já expomos, suscita muitas questões, e só as consegue porque Graciliano Ramos conseguiu captar, com sua arte, tendências universais condensadas em particulares, como o São Paulo Honório e demais personas que este trava relações. Carlos Nelson Coutinho, importante sociólogo brasileiro e leitor do velho Graça, reconhece que:

A obra romanesca de Graciliano Ramos abarca o inteiro processo de formação da sociedade brasileira contemporânea, em suas íntimas e essenciais determinações. [...] O destino de seus personagens, seu modo de agir e reagir em face das situações concretas em que se encontram inseridos, são manifestações típicas de toda a realidade brasileira. No "regional", a Graciliano interessa apenas o que é comum a toda a sociedade brasileira, o que é "universal". Mas não um universal abstrato e absoluto, pretensamente válido em qualquer circunstância; a universalidade de Graciliano é uma universalidade concreta, que se alimenta e vive da singularidade, da temporalidade social e histórica. O que lhe interessa não é a exemplificação, através da literatura, de teses e concepções apriorísticas; é a narração do destino de homens concretos, socialmente determinados, vivendo em uma realidade concreta. Por isso, pôde ele descobrir e criar verdadeiros *tipos humanos*, diversos tanto da média cotidiana como da caricatura abstrata (COUTINHO, 2011, p. 141).

Em parte, estas considerações traçadas por Coutinho nos dá uma possível resposta à nossa primeira questão. Isto é, as ações e comportamentos do personagem-narrador de *São Bernardo* só encontram ecos na hodierna sociedade porque sua configuração sustenta-se na categoria da "universalidade concreta", que em larga medida, como diz o sociólogo, "se alimenta e vive da singularidade, da temporalidade social e histórica". Destarte, universal é o capitalismo. E não é universal por si, como algo abstrato e determinado. Ele é universal porque é histórico. Uma forma orgânica que os homens construíram para manter o convívio social. O problema é que, ao mesmo tempo que essa forma orgânica apresenta-se como a forma social mais desenvolvida, tanto mais hostil se torna os sentidos humanos e a humanização, como já mencionamos um pouco mais acima. Recobrando, Paulo Honório não é qualquer personagem. Ele é um homem concreto, narrando sua vida, suas paixões, compartilhando seu destino com o leitor. Paulo Honório é concreto na medida em que ele encarna em si (em sua vida e em seu destino) tendências sociais e históricas latentes. Quer dizer, nosso personagem-narrador é alguém que, paulatinamente, se mostra como herdeiro de tradições sociais anteriores – para isso é só pensarmos em seus desejos e comportamento patriarcal (ser dono de *S. Bernardo*; ter um



herdeiro; dispor de serviçais e de agregados) –, mas também é a materialização do homem presente que anseia, mais do que tudo, alargar seus domínios e expandir sua renda apostando na modernização de sua propriedade. Pensando um pouco mais além, talvez pudéssemos dizer, correndo todos os riscos, que os ruralistas que controlam o agronegócio nos dias de hoje são, ao seu modo, uma metamorfose da personalidade do Paulo Honório.

Dizemos “metamorfose da personalidade” porque se pensarmos que Paulo Honório apresenta-se como descendente – do ponto de vista das tradições sociais e econômicas – daqueles comerciantes portugueses desembarcados no Brasil setecentista, como entende Caio Prado Jr (2004), bem como imiscuído das reminiscências da aristocracia rural aburguesada, do século XIX, como sugere Florestan Fernandes (1976), então, talvez, possamos dizer que o comportamento e as ações dos ruralistas, que avançam indiscriminadamente se apropriando e dominando todas as áreas e setores da economia, da política e das vivências sociais, têm seu marco no espírito encarnado em Paulo Honório.

Retomando a relação de Paulo Honório com Mendonça, arrolada pelo professor Hermenegildo, vemos que ambos são representantes de formas sociais e econômicas em constante estado de superação. Isto é, “Paulo Honório quer renovar as formas do capitalismo, enquanto Mendonça representa o capitalismo que deve desaparecer para dar lugar às formas novas de acumulação e dependência” (BASTOS, 2015, p. 24). Reservada as devidas mediações e particularidades tempo-espaciais, o homem de negócio<sup>5</sup> (Florestan Fernandes) tende a superar objetiva e subjetivamente a “personalidade” renovadora do capitalismo de Paulo.

De fato, uma das marcas do modernismo é justamente a transformação do espaço: formação ou modificação de roças ou pequenos povoados rapidamente elevados à cidades. De modo que, se o ambiente de decisões era na fazenda, agora passa a ser na cidade. Na narrativa graciliânica de 1934, um dos episódios que melhor configura isso é a narração da história de seu Pereira – um ancião acolhido e transformado em agregado, guardador de livros, por Paulo Honório.

Todas as mudanças e superações (individual e socialmente) experienciadas pelas personagens de S. Bernardo não são fortuitas e nem abstratas. Todas elas estão conectadas

---

<sup>5</sup> Entendida aqui como o comerciante que gerencia sua empresa encerrado num escritório.



numa teia de acontecimentos que, em última instância, possui suas raízes na relação do homem com a natureza, consigo próprio e com os seus. E mais ainda, todo o feito e grandeza dos caracteres de Graciliano têm suas bases na propriedade. Talvez, daí o romance levar o nome da fazenda, bem como principiar tratando de “divisão do trabalho”. No entanto, ainda que o alicerce da narrativa seja a propriedade, o seu cerne é a narração dos intrincados e contraditórios processos que constituem a vida, a paixão e o destino dos homens num universo que lhes é hostil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o objetivo deste trabalho, cujo intuito consiste em problematizar a permanência temporal de comportamento e pensamento sociais e humanos, encarnados pelo personagem Paulo Honório, entendemos tanto mais a sociedade se desenvolve, tanto mais complexa e contraditória ela se torna. Pois tudo que deveria aproximar o homem de sua liberdade e, portanto, de sua realização humana, tende justamente ao contrário.

O capitalismo representa, de fato, do ponto de vista do progresso, o que há de mais desenvolvido. Porém, tal progresso se evidencia contraditório quando tende a anular as potencialidades e o reconhecimento dos homens para com aquilo que eles produzem, e que os produz.

O Brasil testemunha, por seu turno, tanto o progresso quanto as suas contradições. E testemunha de uma forma mais intensa: primeiro porque se encontra na periferia desse desenvolvimento e, segundo, pelas particularidades de sua formação socioeconômica. Pois, como sugere Florestan Fernandes (1976), o Brasil nasce em bases econômicas capitalistas.

Assim, relendo *S. Bernardo* nos dias de hoje, não é difícil de vislumbramos no comportamento de muito dos contemporâneos (especialmente aqueles que parecem descender de coronelatos) o ar bruto e rude que configura o nosso personagem-narrador. É claro que com a diferença de que Paulo Honório dignou-se a reconhecer os seus limites e os caminhos que o conduziram àquele estado.

Acreditamos, também, que uma das razões que ainda faz ecoar manifestações características prática e mental da persona de Paulo Honório nos dias de hoje diz respeito a atualidade de certos aspectos ainda pulsantes no peito e presentes no espírito da sociedade brasileira, qual seja a posse da propriedade privada e domínio do comércio e



da indústria. Do ângulo econômico, vemos dominar cada vez mais indiscriminado o capital financeiro internacional, por meio dos bancos e empresas transnacionais que concentram pelo monopólio todo o poder. Da perspectiva política, parece dominar os herdeiros (consanguíneos ou das tradições e ideologias) dos coronéis de outrora. Do ponto de vista social e cultural, a classe trabalhadora, aparentemente, deixou-se levar pelo “canto da sereia” capitalista, de modo a se mostrar apassiva ao ponto de submeter-se à lógica da classe dominante.

Sem embargos, nos encontramos num momento difícil de nossa história nacional e mundial. Um período de crise que ameaça as mais diversas manifestações de vida terrestre, em especial a vida humana. Porém, de algum modo, não nos sentimos de todo perdidos, porque há personagens como Madalena, bem como a sinceridade de um Paulo Honório que inspira os nossos sentidos humanos e mantém viva as nossas esperanças de um amanhã outro. Precisamos acreditar que o egoísmo e a brutalidade não podem configurar, terminalmente, o caráter do homem, da mesma maneira que a reificação não pode conferir a sentença final.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Cacau. 10. ed. In: \_\_\_\_\_. *O país do carnaval; Cacau; Suor*. São Paulo: Martins, 1961. p. 145-283. (Coleção “Obras ilustradas de Jorge Amado”).

BASTOS, Hermenegildo. *Os coronéis – de Mendonça a Paulo Honório: notas sobre tipicidade e realismo em S. Bernardo*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 60, abril/2015, p. 19-33.

BUENO, Luís. A erupção do outro: *São Bernardo*. In: \_\_\_\_\_. *Uma história do romance brasileiro de 30*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Tese de doutorado, 2001. p. 796-813.

COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In: \_\_\_\_\_. *Cultura e sociedade no Brasil: Ensaios sobre ideias e formas*. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 141-194.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil – Ensaios de interpretação sociológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.





\_\_\_\_\_. *Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 2 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre literatura*. Tradução de Leandro Konder. 2 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 13-45.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. 87 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Recebido em: 04 abr. 2018

Aceito em: 30 abr. 2018